



Estado Mínimo Intervencionista

**em cima de uma
plataforma tecnológica
chamada século XXI**

Sebastião Lupi-Levy

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

Os Autores do Sistema

Sebastião Lupi-Levy

Registo nº 353/2020 SIIGAC/2020/847 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

Siga o autor @sebastiaolupilevy (...)

— Estou farto dessa conversa de que Portugal é um país com uma população envelhecida como argumento que “precisamos de fazer mais filhos”. Nem diria que Portugal fosse um país com uma população tão envelhecida, onde as pessoas da Grande Idade são mal tratadas... São tratadas como “trapos”. Se não é pelos filhos que tratam os pais como trapos, são os lares... Se não são os lares são os governos... Estou farto! Se a população é assim tão envelhecida ora aqui está uma chance para nos debruçarmos e tentarmos melhor a qualidade de vida e aumentarmos a felicidade da população envelhecida portuguesa.

— (...) temos uma câmara a dar quase 1000euros aos casais que vão ter o 1º filho mais 2 mil euros aos casais que vão ter o 2º filho, mais 3 mil euros aos casais que vão ter o 3º filho, quando assim que o bebé nasce os mil euros desaparecem logo, ou seja, é uma “falsa ajuda”; e depois ainda se torna mais falsa a ajuda e hipócrita o incentivo, porque a seguir há uma longa lista de espera para um pai conseguir meter o seu filho no colégio...

— O problema é que nós sabemos que os humanos têm cérebros altamente manipuláveis, vêm no pacote com emoções e brincamos com as emoções deles, metendo à frente deles bebés lindos de morrer...

— Mas os bebés crescem, muito deles podem tornar-se miúdos insuportáveis, adultos criminosos, pedófilos, terroristas, nazis... O problema é que nós só queremos ver o filme que está na nossa cabeça e só vemos a primeira parte do filme. Mas na vida real, não está só o nosso filme a acontecer, estão bilhões de

filmes ao mesmo tempo a acontecerem e a quererem ligar-se ao nosso...

— É preciso, às vezes, ligarmos o nosso filme aos filmes dos outros para vermos uma outra realidade, um outro filme, talvez, baseado numa história verídica...

— Que, talvez, a nossa amiga que acabou de ter filhos diz-nos que está muito feliz e a vida corre-lhe pelo melhor com o marido e que têm tempo para tudo, mas se calhar o filme não é bem assim...

— Se calhar, o filme é outro e, se calhar, sabemos do filme, porque ligámos a um outro filme que está ligado com o filme da nossa amiga.

— É preciso vermos o filme todo. Conseguirmos ver do princípio ao final. Quando nós não sabemos se vem ou não aí uma 3ª guerra mundial, por causa da tecnologia, dos robots, da Inteligência Artificial, das *fake news*, dos drones, como é que eu posso estar a pensar em trazer crianças ao mundo?

— Ainda não há paz! Se já houvesse paz, era uma coisa... Mas não há paz! Há uma guerra pelos recursos!...

— Já há drones metralhadoras a serem fabricados...

— Até já tens drones a dispararem mísseis e lasers...

— Já há aviões supersónicos de guerra que conseguem não ser intercetados pelos radares de uma Força Aérea...

— Já há, neste momento, um míssil que se souber o meu GPS exato é capaz de me detonar...

— Por isso, se eu neste momento desaparecer, não pensem que eu fui teletransportado para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Sim... Todos sabemos que foi só um raio laser...

— Em 2080 de Antoine Canary-Wharf até o raio laser acabou por ganhar direitos...

— Quando há uma confusão de direitos e ninguém se entende, como é que eu posso ser egoísta em fazer alguém nascer nesta confusão? Para depois, do nada, vir um raio laser e fazer desaparecer tudo? E tudo à volta ficar a pensar que o “tudo” foi teletransportado para um mundo paralelo imaginário que só existe na cabeça dos lunáticos?

— Mas depois tenho lunáticos que se dizem professores de física a virem ensinar às nossas crianças sobre mundos paralelos?

— E eu, pai, tenho de ficar a ver malucos oficiais e acreditados por uma doentia comunidade científica que só vê Marte e Lua à frente, a pôr coisas malucas na cabeça dos meus filhos?

— Antes vissem *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...

— Se uma sociedade joviana intelectual, sofisticada e avançada existir e nos estiver neste momento a ver nas suas alienígenas TV's em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, isso não é um mundo paralelo. É um mundo real.

— Haver uma sociedade mais avançada que a sociedade humana é uma hipótese colocada por vários cientistas, ufólogos e astrobiólogos.

— E se alguma dessas sociedades existirem elas não são mundos paralelos.

— Se alguma sociedade dessas romper a nossa atmosfera numa nave espacial, nós não estamos perante um mundo paralelo.

— Podemos ver a tecnologia deles com toda a nossa realidade. Podemos chamá-los aliens, super-humanos, homens-máquina o que quisermos...

— Até podemos chamar-lhes “viajantes no tempo”...

— Porque viajam mais rápido que nós... Era isso que ia dizer, não era?

— Sim, era... Que andam em carros voadores, têm uma tecnologia mais sofisticada. Mas nem por isso nós voltámos atrás no tempo, nem avançámos no tempo.

— Pois, eu também ia dizer... Isso era o que eu queria dizer...

— Essa fala não era do Jaime?

— Não era do Gabriel Garibaldi?

— Eu acho que era do Antoine...

— Mesmo que os super-humanos tenham outro calendário e nos digam que estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf, o tempo não muda, o tempo não se teletransporta, não dá para parar o tempo, o tempo é sempre o mesmo. O tempo é uma ficção. Porque das duas uma: ou nós somos os seres mais inteligentes que existem no Universo ou não somos e existem seres ainda mais inteligentes do que nós. E do mesmo modo que nós conseguimos ir a Marte e demorar hoje 3 meses, temos de admitir, que se existirem seres mais inteligentes que nós com tecnologias mais avançadas que nós, esses seres podem muito bem vir à Terra as vezes que quiserem, sem por exemplo serem vistos...

— Tecnicamente tudo é explicável. Se eu aqui na Terra consigo voar num avião supersónico sem ser interceptado por nenhuma força aérea, então imagine-se um avião ou uma nave doutro planeta... Isto não é difícil de se ver nem de se compreender...

— Quando estamos sempre a dizer que somos insignificantes no planeta Terra e que em todo o Universo nós somos como uma célula do nosso corpo ou um pequeno casco do tronco de uma árvore, então nós temos de saber admitir isto.

— E as escolas só conseguem ensinar isto com óculos de realidade virtual aumentada? Porque é que eu não tenho escolas e creches a ensinarem isto sem ser com óculos de realidade virtual aumentada? Porque é que eu não tenho escolas a ensinar o funcionamento do cérebro e o funcionamento do corpo logo nos primeiros anos? Porque é que eu não estou a dar Medicina e Psicologia aos miúdos? Porque é que eu não estou a dar Direito e Banca aos miúdos?

— Eu tenho de ser o mais sincero para os miúdos. Tenho de lhe explicar que eles nasceram num sistema de moeda e que todo o sistema gira à volta da moeda e tenho de explicar vezes sem conta a história da moeda, como é que os bancos criam moeda, como é que eu com um depósito crio nova moeda... Já que eles nasceram, que tenham acesso à informação das coisas...

— Não é suposto eles só terem acesso a esta informação como se fosse informação privilegiada, que têm de pagar sob a forma de propinas em cursos de Medicina ou de Direito...

— Se é para darmos incentivos, temos de dar incentivos como deve de ser...

— Porque é que vamos estar a dar incentivos se depois não há vagas nos colégios?

— E na escola vai ser a mesma coisa... E na faculdade a mesma coisa... Tenho vagas em cursos que não deviam abrir mais vagas, porque os empregos estão saturados.

— Talvez já fosse tempo de abriremos cursos novos como Ufologia e Astrobiologia em Portugal.

— Eu não posso ter tantas vagas em Medicina, muito menos não posso ter novas faculdades de Medicina, ainda por cima privadas, a quererem abrir, quando tenho médicos que estão há anos como médicos sem especialidade...

— E já que não posso ter tudo a ir para Medicina, se calhar posso dar um pouco de Medicina no secundário... Se calhar, se desse Medicina no secundário não tinha tanta gente a ir para a faculdade de Medicina... Se calhar, era mais importante eu ter Medicina, Nutrição, Botânica, Psicologia, Direito, Economia,

Constitucional, Societário do que estar a falar em forças físicas que ninguém consegue ver, em tabelas periódicas que ninguém consegue decorar, a falar dos reis e dos modelos de governo que não resultaram... Posso falar sobre toda a história em Constitucionalismo e ainda ensinar que o Poder está nas mãos de todos e que não está entregue a um programa de Inteligência Artificial. Não é preciso, como é lógico falar-se sobre Medicina no secundário como se fala na Faculdade de Medicina, mas posso, sim, no secundário dar já muitas bases de Medicina. Eu não preciso de ter uma área de Ciências e Tecnologias tão abrangente que por querer abranger tudo, o cérebro humano não consegue abranger nada e vai para a faculdade como se nunca tivesse falado sobre nada, porque andou sempre stressado a decorar tudo sem compreender nada. Eu não preciso disto para nada!

— O Ministério da Educação tem de ser completamente reformado! Há uma reforma a fazer-se na Educação. Não vale a pena eu estar a dar cargas horárias de manhã à tarde com fórmulas e fórmulas e mais fórmulas e equações e funções que não vão levar a lado nenhum. Essas fórmulas fazem sentido para cursos avançados de Matemática. Não é suposto a Matemática andar a atrasar os cérebros. A Matemática é suposto estimular. Não é atrasar. Se eu vejo que a Matemática está a atrasar alguém eu tenho de tirar-lhe a Matemática do caminho. Porque é que eu preciso de ter quase um 20 a Matemática para entrar em Medicina? Isto não faz sentido! Estou só a fazer perder tempo, a desgastar os cérebros a ocupar os cérebros com números, equações e fórmulas completamente desnecessárias. A Matemática pode ter uma utilidade, sim. Mas só é útil para quem consegue ver a sua utilidade. Para quem lhe acha utilidade. Até pode haver um número pi em tudo. A fórmula da vida até pode ser 3,14.

— Sim, a fórmula da vida até pode ser $3,14$, mas eu não tenho de conseguir ver geometricamente isso na minha realidade para ser feliz e para compreender o mundo. A Matemática pode lá estar. Mas eu não tenho de conseguir vê-la. Eu preferia mil vezes ter tido Medicina do que ter tido Matemática. Preferia mil vezes ter tido Constitucional do que ter tido História de Portugal. Eu posso aprender a “História de Portugal” em Constitucional. E não tenho de ser testado em tudo. Não tenho de ser testado na “História de Portugal”. Posso simplesmente vê-la, ouvi-la. Eu fui o melhor aluno de história porque tinha uma memória fotográfica e conseguia decorar tudo antes de ir para os testes e hoje não me lembro rigorosamente de nada. E tenho hoje uma sede e uma fome pela História como nunca tive. Ontem detestava Matemática, agora gosto. As coisas vêm naturalmente. Não é preciso estarmos a obrigar o cérebro a ver coisas quando o cérebro simplesmente ainda não quer ver. Há coisas mais importantes para o cérebro ver.

— Como por exemplo?

— Por exemplo, é importante o cérebro ver que os porcos são animais dóceis, inteligentes e altamente sociais e que só se ficam presos com elevados níveis de stress é que têm comportamentos bizarros como qualquer ser humano teria se fosse preso da mesma maneira que um porco.

— Por exemplo, é importante dizer-se nas escolas que comer porco aumenta a chance do cancro colorretal. É importante esta Medicina nas escolas! A lavagem cerebral às crianças não deve ser feita com a História, nem com os Mundos Paralelos da Pseudo-Física lá do professor Kaku que nos quer descarregar a todos na sua Biblioteca de Almas...

— E tenho escolas a adotarem como manuais obrigatórios os livros do professor Kaku? Que se importe para a Terra é o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi! A lavagem cerebral, se é que tem de haver uma lavagem cerebral, deve ser feita com a Ciência, com a Verdade das Coisas. Com a Física e com a Química mais imediata, que se consegue ver.

— E o que é que nós vemos?

— Ora, vemos a Psicologia, vemos a Medicina, vemos a Nutrição, vemos a Botânica, vemos a Ecologia...

— E também vemos a Vulcanologia e a Oceanografia...

— Vemos o Direito, vemos a Tecnologia...

— Vemos tudo ao mesmo tempo...

— E vemos tudo a ligar-se...

— Porque estamos a ver a realidade. Porque estamos com os olhos postos na realidade. Estamos a ver a realidade capaz de interferir com a nossa realidade.

— E qual é a realidade que estamos agora a ver?

— Que há médicos a mais, advogados a mais, professores a mais, alunos a mais, crianças a nascer na miséria, há miséria a mais, há escassez a mais, faltam recursos para todos... Quando faltam recursos, quando há desemprego, quando há desigualdade, não me venham dizer que Portugal é um país com população envelhecida e que por isso temos de ser tão prósperos como na Noruega, porque a nossa realidade está longe da Noruega!

— Pois está... A nossa realidade está muito longe da Noruega...

— Mas depois queremos ir a Marte e à Lua...

— Quando ainda nem fomos ver a Noruega...

— Pois... É que não vale ir a Marte para vermos coisas aliens... Também temos coisas aliens na Noruega... Se queremos ver um prédio alienígena em 2020 é só irmos a Trondheim ver o Powerhouse Brattørkaia...

— Sabem quantos metros quadrados de painéis fotovoltaicos tem o Powerhouse?

— Uns mil metros quadrados...?

— 3 mil metros quadrados...

— Olha, podíamos ter esse referencial como medida. Qualquer prédio em Portugal que queira agora erguer-se só se poderá erguer se tantos metros de painéis fotovoltaicos tiver de forma a que o prédio produza mais energia do que aquela que vai consumir...

— Mas é isso que se passa com o Powerhouse Brattørkaia, na Noruega, não é?

— Sim, é. Enquanto, que uma casa norueguesa gasta em média 20 mil kWh por ano, o prédio Powerhouse produz 485 mil kWh por ano.

— Mas isso é fantástico!

— Não é nada fantástico! É real! Assim o próprio prédio vai funcionar como uma “miniusina” para a rede elétrica.

— Pois... É que o superavit de energia, porque há aqui um superavit brutal de energia, acaba até por compensar a energia que é usada para produzir as matérias-primas usadas na construção do prédio. Quando contabilizamos a energia da produção dos materiais do prédio que queremos erguer, vamos priorizar o uso de materiais reciclados e, sem querer, estamos a monitorizar o processo de produção das matérias-primas novas. Vamos fazer disto Código, certo?

— O quê? Incluindo os painéis fotovoltaicos?

— Sim...

— O quê? Fazer deles uma regra?

— Sim...

— Não acho muito boa ideia...

— O quê? Mas como não achas isto uma boa ideia? Estamos a falar de energia...

— Pois e com a energia não se pode brincar... As baterias para armazenarmos a energia são feitas de lítio... Além de que as baterias têm um tempo vida de útil que não passa dos 20 anos... Estamos a sair de um problema para ir para outro problema...

— O quê é que ele está a dizer?

— Estás a confundir conceitos... É normal, não és engenheiro, nem electricista... Estás a partir do pressuposto que sempre que tens painéis fotovoltaicos tens baterias de lítio obrigatoriamente, certo?

— Sim...

— Mas estás errado! Quando surgiu o mercado da produção de electricidade, que aqui ninguém anda a produzir coisas à toa, andamos sempre a produzir com os olhos postos no mercados, o Estado e as próprias empresas de electricidade davam grandes incentivos para investirmos em painéis fotovoltaicos, em que pagavam-nos para enviarmos a energia que produzíssemos para a rede elétrica. Nós éramos verdadeiros produtores de energia e o próprio Estado pagava-nos para produzirmos electricidade e para a enviarmos para a rede elétrica. Só que, com o tempo, os valores foram reduzindo e parece que atualmente já não compensa enviar para a rede elétrica mediante este pagamento.

— Mas tem de compensar. Porque não voltamos a esse sistema?

— Agora, ao invés de enviarmos dados de energia para a rede, armazenamos a electricidade nas baterias solares para serem consumidas mais tarde. É aqui onde entra a história das baterias. Se o sistema solar fotovoltaico estiver ligado à rede, vai produzir energia durante o dia para ser consumida pelos nossos eletrodomésticos. Qualquer excesso de energia é enviado para a rede. E neste “envio” há quem veja aqui o “desperdício”. Que não é desperdício nenhum. Porque vai para a rede. Mas com as baterias isto já não acontece, porque a electricidade acumulada durante o dia, vai depois poder ser usada durante a noite. Todos sabemos que a luz solar só está disponível durante o dia. E as

pessoas normalmente só estão em casa depois do sol se pôr, porque são formigas e estão a trabalhar o dia todo, coitadas... Quando chegam aos seus formigueiros, as baterias estão cheias de energia e as formigas prontas para gastar as energias que as suas baterias armazenaram como excedente...

— Pronto... Mas estas baterias não são um verdadeiro problema?

— São! Porque são feitas de lítio e eu para ter lítio tenho de andar a desgravatar rochas e andar a perfurar a terra e a gastar não sei mais quanta energia nesta louca busca pelo lítio...

— E nós temos rochas tão lindas... (...)

— Bom... E nós não vamos ser o governo que vai andar a fazer buscas “aflitas de lítio” e a desgravatar as rochas (...), como diz o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no seu romance político d’O *Algoritmo do Amor*...

— Porque quem fala corajosamente do lítio no seu romance, é porque o seu romance é político.

— Mas o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala vai até mais longe e fala da gasolina sintética.

— Onde é que ele já está com os olhos postos...

— Está com os olhos postos no futuro...

— E eu estou com os olhos postos num novo sistema de energia. Porque não voltamos ao sistema de enviar dados de energia para a rede elétrica, mas num novo tipo de crédito? Por exemplo, eu produzi durante o dia, vamos supor, eu com os meus

painéis fotovoltaicos produzi 500 kWh num dia. O sol foi-se embora e eu só gastei 100 kWh. Automaticamente envio os 400 kWh que não usei para a rede elétrica. Mas fico com um crédito. À noite, quando quiser energia, já sei que tenho a receber da rede elétrica 400 kWh. E vamos supor que só gasto 200 kWh. Fiquei com 200 por usar. Alguém na rede usou os meus 200. A rede elétrica pode converter estes 200 kWh em moeda, seja ao final do dia, ao final da semana ou ao final do mês. Isto é interessante, porque estou a produzir energia e por estar a produzir energia estou a ser pago por isso. Ao invés de ser um custo para o ambiente só por existir, estou a ser um benefício...

— Sabem, eu gosto desta ideia de banco de energia... E é uma forma de sermos mais independentes e não termos a nossa economia tão dependente de outros países... Sempre defendi que a energia deveria ser tendencialmente gratuita. Porque o Estado, hoje, tem capacidades de criar esta rede elétrica e o dever de distribuir esta rede elétrica quase gratuitamente, porque eu só preciso é de criar infraestruturas que “apanhem” a energia solar e a convertam em energia elétrica... E seguindo uma ótica de Estado mínimo intervencionista, isto do Estado ter o dever de distribuir tendencialmente gratuitamente a eletricidade faz, pois, parte da sua mínima intervenção. Porque a intervenção é mínima. Isto é o mínimo que um Estado deve e pode fazer. Como a distribuição da água. Como o Direito à Habitação. O Direito à Habitação é um direito constitucionalmente consagrado.

— Oh...! Mas depois vem doutrina dizer que é um direito constitucional imperfeito ou de segunda ou de terceira ou de quarta categoria.

— Eu quero lá saber desses marmelos! Desses constitucionalistas de meia-tigela...! Quero lá saber do socialismo deles...

— Sim, porque essa doutrina veio de um socialismo “dos diabos”...

— Tens a certeza que a doutrina é socialista? Não será comunista?

— Liberal, não é de certeza... Porque nós, os liberais, os verdadeiros liberais vemos e sentimos o Direito de Propriedade como o direito mais importante e temos coragem de dizer que o Direito de Propriedade é e tem de ser um direito absoluto...

— Pois... Já os liberais e os comunistas dizem que não há direitos absolutos...

— Ah! Então, são eles que dizem isso...????

— A sério? Não faz sentido... Há coisas que não estão já a bater certo neste teatro...

— Mas uma coisa que é certa e tem de bater certa em todo este teatro, é que o Direito à Habitação é um direito fundamental.

— Aleluia! Que vencemos a doutrina socialista!!!

— Ultrapassámo-los com uma classe... Com uma pinta...

— Os socialistas não têm pinta nenhuma... Tenhamos classe! Nem nós de gravata sabem dar...

— Eles nem se engravatam...

— Pois... Gastam o dinheiro onde não deviam e depois não há dinheiro para comprar uma gravatinha...

— Olhem eu comprei esta gravatinha...

— Onde?

— Na lojinha...

— Fica-te bem, pá!

— Obrigado, pá! Mas o garçon da lojinha já mo tinha dito...

— Foi ele que te fez o nó da gravata?

— Por acaso foi...

— E não lhe sacaste o número?

— Por acaso, saquei-lhe... Mas só lhe saquei porque enquanto ele me fazia o nó político falámos sobre o Estado Mínimo Intervencionista... Era estudante de Direito, a lojinha paga-lhe as propinas...

— E disseste-lhe para votar em nós? Disseste-lhe que o nosso Estado mínimo intervencionista intervém no mínimo dos mínimos, e neste mínimo dos mínimos, todos têm de ter acesso a água potável, a eletricidade, a uma habitação, a comida, à cultura, à educação, à música e ao desporto?

— Sim, disse isso tudo.

— E disseste-lhe que se um menino, teve a sorte de nascer numa família que o Fisco sabe que os pais têm bons ordenados e este menino quer ir aprender surf para uma escola de surf, os pais têm de pagar a escola; mas que se o menino, afinal,

teve a pouca sorte de calhar numa família pobre e quer aprender surf, tem de lhe ser, pelo menos, dada a chance de poder aprender a surfar?

— Disse e ele disse que só agora com a lojinha é que tem dinheiro para andar na escola de surf... É daqueles betos fixes que tem um apelido que nunca mais acaba, que tem um cabelo fixe, uma onda fixe, é humilde, não recebe mesadas dos papás, paga as propinas com o seu dinheiro, comprou a sua primeira prancha de surf com o seu primeiro ordenado e vai de prancha de surf apanhar ondas para a Faculdade de Direito... Concordou por isso que o Estado tem de compartilhar aulas de surf de meninos pobres que querem fazer surf...

— O Estado tem de compartilhar nas aulas de surf. Isto é do interesse do Estado. Porque se o menino não tiver a chance de surfar pode ficar deprimido, pode ficar triste, pode ser infeliz, pode querer suicidar-se. E num ponto de vista jurídico, não é vantajoso termos meninos a formularem pensamentos suicidas. Às vezes, pode ser só uma fantasia do menino. O menino pode querer fazer surf só porque sim. E pode não ter jeito nenhum para o surf. Mas pode ser importante ter a oportunidade de experimentar o seu desejo.

— Isto é interessante para o Estado. Reparem bem: se um menino surfar muito bem, poderá vir a ser o campeão mundial de surf e este título será uma mais valia económica ao país, porque o miúdo passará a ser uma marca, um ídolo que tem uma nacionalidade que vende milhões e arrasta milhões.

— Era o que eu ia dizer... Estás sempre a roubar-me as falas como estás sempre a roubar-me as ondas...

— Se um menino quer tocar piano, harpa ou violino, mas os pais não têm dinheiro, o Estado tem de lhe dar a oportunidade ao menino de aprender a tocar todos esses instrumentos.

— A ideia não é o Estado ficar perpetuamente obrigado a financiar as aulas de um menino que quer tocar piano, mas não tem mãos de pianista ou anda a faltar às aulas do piano ocupando as vagas de outros meninos.

— E qual é a ideia?

— A ideia aqui seria um “cheque de aulas”. Por exemplo, um menino quer ir para o surf, para o piano e para o paraquedismo. Os pais não têm dinheiro. O que é que têm de fazer? Solicitar ao estado 3 cheques de aulas. “Cheque de Aulas de Piano”, “Cheque de Aulas de Surf”, “Cheque de Saltos de Paraquedas”. Na 3ª aula de surf, o menino ainda não e consegue pôr de pé na prancha, o cheque caduca. Mas o menino chora e diz que quer voltar a experimentar o surf. O cheque volta, mas tem de ir para a lista de espera, porque já teve a sua vez de experimentar, já teve olhos em cima de si, agora é a vez de outros também experimentarem. O professor de piano à 10ª aula viu que o menino não tem mãos de piano, o cheque caduca. Logo no primeiro salto o menino teve medo e jurou nunca mais saltar de paraquedas, o cheque caduca. Mas ao menos, foi lhe dada a oportunidade de ver as coisas. Isto foi quando o miúdo tinha 7 anos. Passado 10 anos o miúdo quer voltar a experimentar tudo e os pais continuam pobres, o cheque volta outra vez. As escolas de surf, escolas de piano, escolas de paraquedas que se queiram ligar ao Estado, recebem um incentivo do Estado para uma percentagem das suas vagas estar destinada a miúdos de famílias em situação económica desfavorável. E se nenhuma escola se quiser ligar ao Estado, que o Estado comece ele próprio a criar escolas estatais de surf, de paraquedas e de música.

— Temos imensos professores de surf à procura de trabalho. O Estado que crie postos de trabalho para eles, criando escolas de surf. Temos muito mar cheio de ondas que imploram que surfistas surfem nelas. E nós, enquanto vemos surfistas a surfarem as ondas, ficamos mais tranquilos, porque sabemos que os surfistas são autênticos salva-vidas. Se calhar, até há um interesse em vermos surfistas no mar. Em vermos surfistas a salvarem.

— Temos imensos militares que terminaram os seus contratos com a Força Aérea e que tiveram uma instrução de luxo de horas e horas de voo a saltarem de paraquedas. Isto pode ser um incentivo para novas escolas de paraquedas abrirem com professores que foram paraquedistas da Força Aérea. Temos de saber aproveitar a economia dos contratos.

— Há tantos professores de piano sem alunos. Podemos dar um incentivo. Podemos financiar professores ou escolas de piano que dão aulas a meninos que vêm de uma família carenciada economicamente. Numa “Internet das Coisas”, como a que hoje já temos, posso dizer que estou à procura de um professor de piano, mas que não tenho dinheiro para pagar. O professor de piano ativa o financiamento, e o Estado paga ao professor de piano para o professor de piano pôr o menino a tocar piano. Porque pode sair dali um grande pianista e compor uma economia numa pauta viva cheia de rés, mis, fás, sóis, lás, sis e dós.

— Estavas a falar de eletricidade e de repente *À Velocidade da Luz* fizeste-nos ir contigo surfar ondas ao mar numa melodia tocada pelas teclas do piano, num salto tão grande que precisámos mesmo de um paraquedas.

— A eletricidade é energia. E podemos surfar e voar na energia. Das ondas podemos aproveitar a energia maremotriz. Dos ventos podemos aproveitar a energia eólica. Do sol podemos aproveitar a energia elétrica. O sol é elétrico. O Sol é a nossa correte elétrica. Só temos de saber montar como deve de ser o circuito elétrico aqui na Terra. E saber montar como deve de ser significa saber distribuir a eletricidade a todos. Porque a eletricidade deve ser tendencialmente gratuita. É isto que defendemos, não é?

— Sim, é...

— Mas há tanta coisa que deve ser tendencialmente gratuita... Simplesmente porque estamos em cima de uma de uma plataforma tecnológica que se chama século XXI onde temos tecnologia capaz disto.

— Sim, temos tecnologia capazes de oferecer serviços e bens a todos... Temos a impressora a 3D para fazer cumprir o Direito à Habitação...

— Só uma perguntinha... Se me permitem... Isto somos nós, a sermos um Estado Mínimo Intervencionista?

— Sim, somos nós a sermos um Estado Mínimo Intervencionista em cima de uma plataforma tecnológica chamada século XXI...

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 23 de agosto de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma Missão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

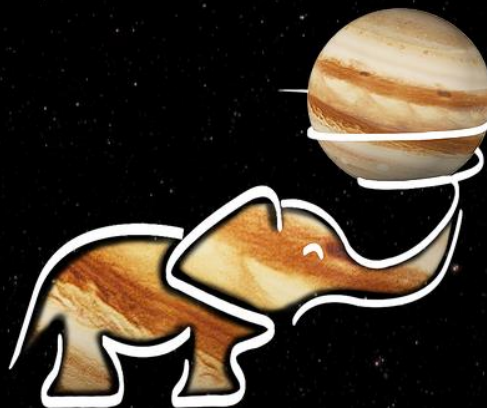
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)